

**“EU FICO GRANDE NUMA SERRA”:  
RAÇA, RACISMO E A CORPOREIDADE  
NEGRA COMO MAPA DE  
UM DEVIR DO MUNDO**

**“EU FICO GRANDE NUMA SERRA”:  
RACE, RACISM AND THE BLACK  
CORPOREITY AS A WORLD BECOMING**

**THAINÁ CAMPOS SERIZ\***

**Resumo:** Este artigo procura historicizar as formações ideopolíticas, simbólicas, discursivas e materiais dos conceitos de raça e racismo, e suas elaborações, enquanto ficção civilizatória da branquidade moderna colonial de construção das subjetividades (negras e não-negras) e seu inconsciente. Pelas noções de corpo/corporeidade e territórios negros, procura trazer também a valorização das experiências históricas e etnogeográficas comuns de resistência e dinâmicas culturais afrocentradas em continente americano como núcleo da viragem epistêmico-metodológica desmobilizadora do modelo branco-ocidental de produção do conhecimento.

**Palavras-chave:** Raça e Racismo; Ficção civilizatória; Historicidade

**Abstract:** This article seeks to historicize the ideopolitical, symbolic, discursive and material formations of the concepts of race and racism, and their elaborations, as a civilizing fiction of construction of subjectivities (black and non-black) and its unconsciousness. By the notions of body/corporeity and black territories, it also seeks to bring about the appreciation of the historical and ethnogeographic experiences of resistance and afrocultural dynamics in the American continent as the nucleus of the epistemic-methodological turn of the model of the white-western model of knowledge production.

**Keywords:** Race and Racism; Civilizing fiction; Historicity

---

*Artigo recebido em 20 de março de 2018 e aprovado para publicação em 17 de maio de 2018.*

\* Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) (E-mail: thainaseriz@gmail.com).

## Introdução

As tristes águas dos mares e rios infernais que fizeram sucumbir os filhos de Europa às suas profundezas mergulharam o homem moderno no desespero de escapar ao Paraíso celeste e decair eternamente entre a morada de Satã. Pela natureza desconhecida, os oceanos seriam consagrados pelo Ocidente cristão como itinerário tenebroso e incontornável de monstros gigantescos e outras criaturas bizarras aos quais qualquer homem jamais deveria assistir ou mesmo sonhar em ver durante uma vida<sup>2</sup> ó fato surpreendente para quem, *a posteriori*, tomou a razão enquanto principal instrumento de combate a verdades metafísicas, e método por excelência de produção e compilação de todos os saberes da humanidade.<sup>3</sup> Desbravados os perigos de morte e danação eterna pela travessia resiliente, senão *heroica*, das águas de Caronte, a investida dos de além-mar sobre solo americano revelou aos olhos desconfiados e atentos dos recém-chegados õmonstruosidadesö de formas físicas e hábitos comportamentais nada comuns à etiqueta europeia.

A estigmatização impressa em iconografias e relatos de viagem situa-se no interior de uma linguagem própria do arcabouço ideocultural europeu de hierarquização do mundo, variante assim do discurso praticamente mítico de genealogia da origem dos povos e sua respectiva ordenação no universo.<sup>4</sup> A *Escala Natural* manifestava uma hierarquia que, instituída pelo Criador, configurava em uma õgrande cadeiaö a diversidade de seres e objetos da criação divina, dispostos gradativamente até a perfeição. De filiação religiosa e utilizada para mostrar o lugar do homem na engrenagem do ato criacional, a *Escala* fora igualmente utilizada como instrumento intelectual de compreensão da miríade de formas terrestres/sociais que Deus forjara em infinita sabedoria. Ou não.

Construída sob a égide da vitória sobre os infiéis africanos que subjugaram, por quase mil anos, a Península Ibérica à lei maometana e de outros idólatras pagãos, os portugueses ó pioneiros no comércio negreiro desde meados do século XV, com a conquista de Ceuta (1415) ó justificaram os atos de violência e a escravidão de africanas e africanos a partir da tópica da conversão destes povos à fé cristã (apostólica romana). A Bíblia forneceria o embasamento para a ação em curso orquestrada: o livro do Gênesis narra a passagem em que Cam, um dos três filhos de Noé, teria olhado o pai nu e bêbado, relatando-o seguidamente a

---

<sup>2</sup> Cf. DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.68.

<sup>3</sup> FALCON, Francisco José Calazans (1986). *Iluminismo*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2009, pp.37-8; 43.

<sup>4</sup> CURTO, Diogo Ramada. Cultura escrita e práticas de identidade (1570-1697). In: \_\_\_\_\_. *Cultura imperial e projetos coloniais (séculos XV a XVIII)*. São Paulo/Campinas: Unicamp, 2009.

seus irmãos. Sem e Jafé, irmãos de Cam, tomaram uma capa e puseram-na sobre os ombros do pai, cobrindo sua nudez e mantendo os rostos desviados. Já sóbrio e sabendo a atitude do rebento caçula, disse Noé a Cam: õMaldito seja Canaã; seja servo dos servos de seus irmãos. Bendito seja o SENHOR, Deus de Sem; e Canaã lhe seja servo. Engrandeça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem; e Canaã lhe seja servoõ (Gen, 9: 25-27). Interpretações posteriores e de cunho moralizante imputaram a servidão então proclamada por Noé a todos os descendentes de Canaã, cujo assentamento em África, conforme relata Rebecca Parker, fora determinado por William Mckee Evans<sup>5</sup>.

Tendo o *status* de africanas e africanos deteriorado paulatinamente entre os séculos XV e XVIII, com ênfase em meados/final do Setecentos, as racionalizações sobre o caráter efetivamente humano desses grupos migraram do campo religioso ou de õcircunstâncias externas, como a guerraõ, para a classificação, ordenação e tipificação a partir de habilidades mentais ó avaliadas negativamente ó, e a consideração de sua inferioridade õracialõ, imputada por características fenotípicas, em especial a cor da pele. O século XIX representou o auge desta via classificatória biologizante, ainda acrescida e reformulada pelas teorias genéticas mendelianas<sup>6</sup> e de seleção natural darwinianas. Não desconsiderando o fato de que a própria escravidão institucionalizada teria contribuído para o rebaixamento de africanas/africanos ao mais raso patamar da escala humana<sup>7</sup>, a partir de fins do século XVIII, a hierarquia racial<sup>8</sup>, agora calcada nas diferenciações biológicas, encontraria ambiente favorável<sup>9</sup>.

A consolidação dos circuitos comerciais negreiros e a respectiva institucionalização da escravidão (século XVII) sobrevieram com a mudança das percepções acerca da africana/do

<sup>5</sup> BRIENEN, Rebecca Parker. *Albert Eckhout: visões do paraíso selvagem*. Rio de Janeiro: Capivara, 2010, p.65.

<sup>6</sup> As duas leis de Gregor Johann Mendel (1822-1884), sintetizadas nas obras *Ensaio com plantas híbridas* e *Hierácias obtidas pela fecundação artificial*, versavam, basicamente, sobre a transmissão de caracteres hereditários a partir da expressão ou inativação de conjuntos genéticos específicos.

<sup>7</sup> Para Rousseau, o fato de determinados homens nascerem na condição de dominados não os faz diferentes de seus dominadores por serem estes portadores da liberdade ó condição primeva de sua diferenciação ó, mas sim por aqueles terem se permitido perpetuar na escravidão. A distinção atribuída aos dominados consiste em os subjugados terem ido contra sua própria natureza, pois, se, em um primeiro momento, foram colocados como escravos pela força bruta ó portanto, à própria revelia ó, em outro, sua permanência em tal condição seria tributária da covardia de não se desvencilhar. A covardia e a falta do desejo de liberdade ó estimulada pela própria condição de servidão a que os escravos eram submetidos ó é, em Rousseau, o elemento caracterizador do õescravo contra sua naturezaõ, uma figura historicamente existente. Nessas linhas, o filósofo suíço aparenta nutrir grande desprezo pelos escravizados, assinalando o quão baixo era o patamar a eles(as) reservado ó aqui não etnicamente distinguidos. Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques (1762). *O contrato social*. Discurso sobre a desigualdade.

<sup>8</sup> De uma significação religiosa ó õraça de mouros ou de judeusõ, de õinfecta naçãoõ ó, o termo *raça*, assim como *nação*, inseriu-se em uma teorização biológica de classificação da humanidade. Para uma excelente análise dessa transição, cf. HUDSON, Nicholas. õFrom ñationõ to ñraceõ the origin of racial classification in Eighteenth-century thoughtõ. *Eighteenth-century studies*, vol. 29, n. 3, spring 1996, pp. 247-264.

<sup>9</sup> Cf. BRIENEN. *Op. cit.*

africano, cindindo as interpretações ambivalentes entre suas idealizações como deusas negras/príncipes e provocando o total desprezo por mulheres e homens, religiosa ou biologicamente submetidos à servidão e à escravidão. Grupos de características estereotipadas, como o cabelo õpixaimö, lábios grossos e cor de pele escura, presentes em algumas das imagens seiscentistas de africanas e africanos, antecipariam as tentativas de classificação õracialö consagradas pelo Setecentos europeu<sup>10</sup>.

Propensão filha de certa mudança intelectual que, ao contrário do reconhecimento da pluralidade e complexidade de outros tipos sociais e humanos, operou a homogeneização de sua variedade em um número limitadíssimo<sup>11</sup>, a doutrina õbiológicaö da raça investiu de nova autoridade o discurso intelectual, berço de velados preconceitos a culturas tradicionais, fossem europeias ou não, dentre à reconfiguração das relações sociorraciais e estruturas de poder correspondentes.<sup>12</sup> Os mesmos ideais que livrariam os homens da miopia imposta pelo fanatismo religioso e forjariam como devir um mundo sem diferenças<sup>13</sup> refinaram e agravaram pretensões políticas já calcadas em uma fetichizada vocação histórico-biológica supremacista<sup>14</sup>.

A cadeia de eventos históricos abarcada pelo projeto quinhentista de colonização ibérico sobre o continente americano, o tráfico interatlântico de negras e negros escravizados ó e a adoção do modelo econômico-colonizatório escravista, dada a lucratividade deste comércio ilegal ó, o processo de emancipação jurídico-político das possessões luso-hispânicas, a interiorização da presença europeia em terras africanas e a consolidação dos Estados-nação no século XIX constituem o escopo de construção ideológica<sup>15</sup> da

<sup>10</sup> *Idem*, p.67.

<sup>11</sup> *Idem*, p.68.

<sup>12</sup> Cf. HUDSON, *op. cit.*, p.252: õ(í ) *As recent historians have indicated, this biological doctrine of race invested traditional folkø prejudice with a new intellectual authority*ö. A doutrina racial também foi a responsável pela produção de uma série de discursos que, diante do malogro da conversão de gentios e outras categorias de colonizados ao cristianismo ó católico ou protestante ó e das resistências de submissão à certa ordem social vigente, desqualificaria geneticamente ameríndios e negros africanos escravizados. Para tal análise, vertida ao caso estadunidense, cf. VAUGHAN, Alden T. õFrom white man to redskin: changing Anglo-American perceptions of the American Indiansö. *American Historical Review*, vol. 87, n. 4, oct. 1982, pp. 917-953.

<sup>13</sup> NASCIMENTO, Maria Beatriz. õA mulher negra e o amorö. *Jornal Maioria Falante*, n. 17, fev.-mar. 1990, p.3.

<sup>14</sup> Guardadas as devidas conotações terminológicas assumidas por vocábulos como *raça* e *nação* entre os séculos XV-XVIII, e até mesmo os seguintes.

<sup>15</sup> O conceito é compreendido nos termos explicitados por Marilena Chauí (1984) sobre a constituição da ideologia como -fatoø social, porque (re)produzida pelas relações sociais. Cf. SCHUCMAN, 2012, p.17.

branquidade<sup>16</sup> como identidade racial/política normativa e, historicamente, de institucionalização do branqueamento enquanto condição essencial do desenvolvimento econômico-capitalista, tecnológico e humano das nações em formação<sup>17</sup>. As culturas nacionais e as identidades brancas e não-brancas possuem historicidade e são localizáveis em meio às criações, ressignificações e redefinições das trocas ideossimbólicas compulsoriamente travadas entre populações de África, Europa e das Américas neste espaço-tempo<sup>18</sup>.

No Brasil, a inevitável fusão ensejada pelo contato entre grupos humanos etnicamente distintos, condenada por Arthur de Gobineau (*Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, 1848) e outros teóricos racialistas europeus como fator de degenerescência física e intelectual da raça humana/branca, aparecia reformulada nos discursos oficiais abolicionistas como fator político de pacificação ante uma possível polarização racial provocada pelos levantes antiescravidão, em especial negros, já perto do alvorecer de 1888. A inversão teórica operada nos anos 1930 com a ascensão das teses de Gilberto Freyre sobre o caráter positivo da miscigenação enquanto elemento formador de uma identidade nacional genuinamente brasileira contribuiu, por outro lado, para a criação de um mito fundador baseado na supressão da heterogeneidade racial/étnica do país a partir da diluição de todos os agentes culturais da sua História em uma nova raça, única, livre de tensões.

A falácia miscigenatória de um paraíso da democracia racial à brasileira, cuja superação da diversidade cultural desse hibridismo multiétnico trazia a valorização de uma formação social identitária mestiça e original, continua sendo, mesmo após quase cem anos de debates, o mecanismo mais moderno e menos chocante de genocídio das raças inferiores em prol da salvaguarda do progresso técnico, intelectual e humano da Europa ariana. O desejo

---

<sup>16</sup> Sem alongar as discussões sobre o uso de uma e outra terminologia, usarei o emprego de *branquidade*, em vez de *branquitude*, para não fazer oposição semântica à *negritude*, cujo principal sentido opera na valorização e centralidade da cultura diaspórica negra.

<sup>17</sup> No caso brasileiro, Celia Maria Marinho de Azevedo faz o histórico das principais teses que orientaram os debates políticos pós-1870 (fundação do Partido Republicano Paulista ou PRP), em meio à radicalização dos movimentos negro e abolicionista pelo fim da escravidão ó afora a pressão da comunidade internacional, vulgo britânica ó e na transição republicana. Cf. AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites ó século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>18</sup> SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o ãencardidoö, o õbrançoö e o õbranquíssimoö: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) Programa de Pós-Graduação em Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012, p.17.

de Oliveira Vianna foi atendido: o problema negro teve sua importância roubada e a mancha da origem africana, e da escravidão, fora apagada com amor<sup>19</sup>.

### **õO tempero do mar foi lágrima de pretoö (Emicida)**

O choro ainda persistente de mágoa pela partida abrupta dos navegadores, pais desse medo em busca de um lugar-conquista atlântico, porque só seu, salgou a geopoética do encontro transnacional dado a seguir. As belezas das gentes do além-mar Atlântico sempre pertencidas a estes corpos-todo-continente-de-sal-e-terra foram reagregadas sob uma escrita geopoética de um novo encontro consigo, suas cabeça e história. A tomada ou retomada, por Beatriz Nascimento, do iorubá õOriö como relação/fator aglutinante entre intelecto/tempo e memória, cabeça e corpo, pessoa e terra/territórios (des)ocupados pela diáspora, forja uma visão restauradora da humanidade/dignidade negra, da reconstrução de si e sua imagem em meio a uma coletividade parte plural singular<sup>20</sup>.

õOriö agrega, portanto, palavra, ação e (re)iniciação em um novo estado de vida, da vida em si, rompido em outra unidade. A cabeça, seu núcleo, e o corpo completam-se nesta metáfora política pelo repensar de uma identidade social e coletiva negra, espaço, ideia e territórios negros rearticulados entre relações de poder da branquidade então hegemônicas<sup>21</sup>. O movimento negro contemporâneo traria, para Beatriz, a inflexão desse processo de autoconsciência individual a busca do Eu sou, que já o era e era inteiro<sup>22</sup> e coletiva sobre a participação das mulheres e homens negros na história e identidade nacional brasileiras, esta potência, suas possibilidades e a justa abertura à nacionalidade constituidamente brasílica.<sup>23</sup>

Sendo tal reconciliação a descoberta do real poder e (H)istória, õOriö é, enquanto síntese da reunião entre passado, memória, presente e futuro de outras possibilidades para o corpo, espaço, identidades e territórios negros, ressurgimento, o próprio sujeito iniciado e liberto em si e para os seus. Essa liberdade, constituída ante a diáspora e os movimentos transmigatórios aí processados (senzala/quilombo, campo/cidade), ensinaria, segundo Beatriz Nascimento, uma redefinição corpórea e territorial-subjetiva da experiência historicamente

<sup>19</sup> ZITO, Joel Araújo. A força de um desejo ó a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. *Revista USP*, São Paulo, n. 69, pp. 72-79, março/maio 2006, pp.74-6.

<sup>20</sup> Cf. RATTIS, Alex. Corpo/mapa de um país longínquo. Intelecto, memória e corporeidade. *In: \_\_\_\_\_*. *Eu sou atlântica ó sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p.63.

<sup>21</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>22</sup> Cf. NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Textos e narração de Ori*. Transcrição (mimeo), 1989.

<sup>23</sup> RATTIS. *Op. cit.*, p.64.

compartilhada da perda da imagem, do (auto)exílio e do sequestro racial-escravista pelas/os afro-brasileiras/os e seus/suas descendentes.<sup>24</sup>

A interrelação entre liberdade, o direito ao próprio corpo, seu território e identidades só pode ser refeita por aquele(a) que busca tornar-se pessoa a si mesmo(a), e não coisa.<sup>25</sup> Este corpo, portador de novas subjetividades, busca porque é ele mesmo fonte e reconstrói lugares de referência transitórios, próprios de uma sociabilidade marcadamente negra, como as escolas de samba e os bailes *black*, ou duradouros, tal qual o quilombo ainda o seja enquanto fuga do mundo e de si. Forçados por travessias compulsórias, ou simplesmente em trânsito/transe entre (os) vastos oceanos de dentro, estes corpos são signos e significados de novas linguagens, memória e imagem do cativo atlântico, mas também sede de movimento, sentido e vida.<sup>26</sup> A História é daquelas/es que se lha atravessam; a linha negra de sangue e suor desenhada<sup>27</sup> entre os quilombos transatlânticos segue forjando seus próprios espaços ao toque do tambor.

Da cabeça enquanto centro e periferia(s) de um trânsito pela vida incessante aos pés, do corpo racializado como território de relações de poder à identidade assim reconhecida qual possibilidade de recriação<sup>28</sup>, o corpo negro torna-se o direito mesmo de ser, estar e pertencer ao mundo como espaço descontínuo e fragmentário da diáspora, mas único porque plural, pela diversidade de experiências que cada uma de suas histórias também abriga. Acerca da sobrevalorização reparadora dessa diversidade, Lélia Gonzalez<sup>29</sup> propõe o resgate da presença afro-ameríndia e suas resistentes contribuições à formação histórico-cultural do Brasil e outras sociedades do continente americano como alternativa político-epistêmica à hegemonia branco-eurocêntrica do inconsciente brasílico.

A investida mercantil-colonial do Quinhentos e a violência do processo de transposição cultural-ideopolítica europeia sobre as formações sociais americanas processo analisado por Aníbal Quijano (2000) em longa duração suprimiram, conforme afirma Gonzalez, o caráter **ladino**, e não **latino**, de um continente não reconhecido em seu pluriculturalismo especificamente *amefricano* obra de uma neurose na qual o racismo é o seu sintoma por excelência<sup>30</sup>. A negação, ou *denegação* conforme uso, pela autora, de

<sup>24</sup> *Idem*, pp.65-6, apud NASCIMENTO, 1989.

<sup>25</sup> *Idem*, p.66.

<sup>26</sup> *Idem*, pp.67-8.

<sup>27</sup> *Idem*, p.69.

<sup>28</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>29</sup> GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.), 1988b, pp.69-82.

<sup>30</sup> *Idem*, p.69.

categoria psicanalítica freudiana<sup>31</sup>, desta *ladinoamefricanidade* pelo racismo é o que compõe a invisibilização do elemento afro-ameríndio do imaginário brasileiro, então diluído e branqueado pela ficção política de uma harmonia racial democrática e pacífica.<sup>32</sup>

A compreensão da diversidade de influências e contribuições da presença negra na construção cultural americana, em fuga ao caso brasileiro, forja para Gonzalez a reflexão sobre o conceito de *amefricanidade* e a consideração multiarticulada, porque interdisciplinar, das práticas racistas sobre este continente.<sup>33</sup> A formação histórica de Portugal e Espanha (séculos VIII-XV), que leva em conta o plurissecularismo da ocupação moura e a experiência de tessitura sofisticada das relações raciais, a estratificação socionobiliar-hierárquica aí articulada, a empresa colonial e a biologização do modelo racial eurocristão-ariano de Oitocentos, tributou a herança, pelas sociedades americanas colonizadas, das ideologias de classificação/exclusão social-racial-sexual combinadas<sup>34</sup> e a persistência da ideia de dominação branca por meio de seu aparelhamento legal. Este elaborado racismo íbero-latino-americano comprova repetidamente sua eficácia, segundo a antropóloga, através da internalização de uma superioridade branco-ocidental cujos efeitos Frantz Fanon<sup>35</sup> dolorosamente descreve que fragmenta e nega uma cultura/identidade racial diversa.<sup>36</sup>

Para Gonzalez, entretanto, o reconhecimento da categoria de *amefricanidade* como núcleo de experiências comuns, mas únicas e historicamente forjadas de resistência material/cultural ao jugo colonialista na diáspora, traz o resgate de todo um processo etnogeográfico global de dinâmicas e trocas afrocentradas. Conservadas contribuições específicas das sociedades americanas ao mundo pan-africano, a *amefricanidade* é, nesse sentido, uma viragem epistêmico-metodológica que implica politicamente o modelo branco eurocêntrico e evolucionista ocidental de produção do conhecimento acerca das formações sociais *amefricanas*, sua diversidade/singularidade cultural, a historicidade das elaborações do racismo moderno-colonial sobre o inconsciente das populações racializadas e seus efeitos na

<sup>31</sup> Por denegação (*Verneinung*) entende-se o processo de produção pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença (LAPLANCHE e PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Santos/SP: Martins Fontes, 1970, apud GONZALEZ, 1988b, p.69).

<sup>32</sup> GONZALEZ. *Op. cit.*, pp.69-70.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p.71.

<sup>34</sup> Cf. LUGONES, María. Hacia un feminismo descolonial. *La manzana de la discordia*, julio-diciembre, año 2011, vol. 6, n. 2, pp. 105-119.

<sup>35</sup> FANON, Frantz (1952). A experiência do vivido. In: \_\_\_\_\_. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.

<sup>36</sup> GONZALEZ. *Op. cit.*, pp.71-3.

constituição dessas subjetividades.<sup>37</sup> A ideologia de libertação, como assegura Asante<sup>38</sup>, desagrilha as construções ideológicas imperialistas e afirma a particularidade da experiência de *América*, igualmente tributária àquelas/es que permaneceram em solo africano.<sup>39</sup>

O grito primordial, Ylê, de Nanã é pela vida da gente que levanta a terra de seu pertencimento, memória, sangue, imagem e história. A história idealizada é a história-contidente. A História continente é cativa de passado, mas liberta em futuro. O continente é escravo. O escravo é rei, e o rei, preto, como quereria Lélia Gonzalez<sup>40</sup>, está nu.

## Referências bibliográficas

### Livros

- ASANTE, Molefi K. *Afrocentricity*. Trenton: Africa World Press, 1988.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites ó século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BRIENEN, Rebecca Parker. *Albert Eckhout: visões do paraíso selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2010.
- CHAUÍ, Marilena (1984). *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FALCON, Francisco José Calazans (1986). *Iluminismo*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2009.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Santos/SP: Martins Fontes, 1970.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1762). *O contrato social*. Discurso sobre a desigualdade.
- WHEELER, Roxann. *Complexion of Race: categories of difference in Eighteenth-century British culture*. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2000.

### Capítulos de livros

- CURTO, Diogo Ramada. Cultura escrita e práticas de identidade (1570-1697). In: \_\_\_\_\_. *Cultura imperial e projetos coloniais (séculos XV a XVIII)*. São Paulo/Campinas: Unicamp, 2009.
- FANON, Frantz (1952). A experiência do vivido. In: \_\_\_\_\_. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. LANDER, E (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y Ciencias Sociales*. CLACSO: Unesco, 2000.
- RATTS, Alex. Corpo/mapa de um país longínquo. Intelecto, memória e corporeidade. In: \_\_\_\_\_. *Eu sou atlântica ó sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, pp. 61-69.

<sup>37</sup> *Ibidem*, pp.76-8.

<sup>38</sup> Cf. ASANTE, Molefi K. *Afrocentricity*. Trenton: Africa World Press, 1988.

<sup>39</sup> GONZALEZ. *Op. cit.*, p.79.

<sup>40</sup> GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, pp. 223-244.

**Artigos em periódico**

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, pp. 223-244.

\_\_\_\_\_. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.), 1988b, pp. 69-82.

HUDSON, Nicholas. From "nation" to "race": the origin of racial classification in Eighteenth-century thought. *Eighteenth-century studies*, vol. 29, n. 3, spring 1996, pp. 247-264.

LUGONES, María. Hacia un feminismo descolonial. *La manzana de la discordia*, julio-diciembre, año 2011, vol. 6, n. 2, pp. 105-119.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. A mulher negra e o amor. *Jornal Maioria Falante*, n. 17, fev.-mar. 1990, p. 3.

VAUGHAN, Alden T. From white man to redskin: changing Anglo-American perceptions of the American Indians. *American Historical Review*, vol. 87, n. 4, oct. 1982, pp. 917-953.

ZITO, Joel Araújo. A força de um desejo e a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. *Revista USP*, São Paulo, n. 69, pp. 72-79, março/maio 2006.

**Tese**

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. São Paulo, 2012.

**Filme**

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Textos e narração de Ori*. Transcrição (mimeo), 1989.